





**WILSON DO NASCIMENTO BARBOSA**

**A ECONOMIA DO NEGRO NO BRASIL**

**ilustração de**

**ALICE ROSSI**

**e**

**apresentação de**

**ADRIANA MARINHO e LINCOLN SECCO**

**1ª Edição**

**GMARX-USP**

**São Paulo**

**2021**



## APRESENTAÇÃO

Adriana Marinho

Lincoln Secco

As aulas do professor Wilson do Nascimento Barbosa marcaram uma geração de alunos da Universidade de São Paulo. Aulas de História Moderna, História Contemporânea, História Econômica do Brasil e, em todas elas, a persistência de uma abordagem dialética.

Wilson aprendeu na prática militante dos anos 1950-1960, mas também foi aluno de professores como Nelson Werneck Sodré e Alvaro Vieira Pinto; conviveu nos cursinhos pré-vestibulares de São Paulo e com a intelectualidade uspiana do fim da década de 1960.

Nota-se que Wilson é de uma geração que não se ocupou em escrever centenas de artigos científicos porque não estava submetida à civilização quantitativa dos sistemas de controle político-acadêmico nacionais (como o Lattes e os infinitos formulários internos das universidades) e internacionais.

O texto que ora apresentamos, portanto, é uma palestra em que a dificuldade dos conceitos é mitigada pela oralidade, o humor e a capacidade didática do autor. O método dialético se expressa também nas metáforas militares, tão caras ao autor: “todo avanço contém um recuo” ... O ponto de partida é o Marx dos *Grundrisse* e

sua exposição evidencia o papel estrutural da periferia, da escravidão e do negro na acumulação primitiva de capital.

A palestra foi promovida pelo GMarx - USP, mais especificamente por um coletivo de jovens negras e negros do grupo que, no ano de 2020, articularam-se para discutir o problema do racismo antinegro na sociedade capitalista, a partir de uma perspectiva marxista. Esse coletivo se autodenominou GMarx Moura, em uma tripla referência aos povos mouros, ao apelido dado a Karl Marx em razão de como descreviam a cor de sua pele, bem como ao grande pensador brasileiro, negro e marxista: Clóvis Moura. A conferência com o professor Wilson do Nascimento Barbosa deu-se em 01 de agosto de 2020, tendo sido a primeira atividade pública do coletivo. Em tempos de pandemia, teve de ser realizada por videoconferência – na qual estiveram presentes, virtualmente, cerca de 150 pessoas!

O tema da palestra foi A Economia do Negro no Brasil. Conforme indicam os subtítulos, a conferência foi dividida em: Introdução; O Desenvolvimento da Acumulação Primitiva; O Processo de Ganho do Capitalista; O Caráter Específico da Força de Trabalho; O Negro Brasileiro como Força de Trabalho Neocolonial, terminando com as intervenções do público.

Ao longo da exposição, vê-se que o professor explica a passagem do feudalismo ao sistema mercantil na Europa, bem como o contexto de expansão dos países desse continente para além de suas fronteiras. Mais adiante, trata da acumulação primitiva e da transformação da

economia mercantil em economia capitalista, evidenciando o papel determinante da escravidão moderna nesse processo. De maneira clara e didática, Wilson Barbosa também elucida algumas questões fundamentais referentes ao movimento do capital, tal como nos ensinou Karl Marx – enfatizando, especialmente, a caracterização da força de trabalho como o verdadeiro fruto do enriquecimento e acumulação da classe proprietária. A partir de então, o professor trata especificamente do trabalho escravo, de suas relações com a economia capitalista mundial e do seu legado para a sociedade brasileira pós-abolição, valendo-se de dados e conceitos importantes, mas também de anedotas, exemplos e metáforas – elementos característicos da brilhante capacidade de comunicação oral de Wilson do Nascimento Barbosa.

O leitor e a leitora verão que as perguntas e intervenções do público foram também bastante ricas, passando por temas históricos como as lutas antiescravistas, a Lei de Terras, os processos de abolição no Brasil e Estados Unidos, além de questões referentes a problemas sociais mais próximos de nosso tempo: cotas raciais, identitarismo, os negros e a uberização do trabalho, as mulheres negras no mercado de trabalho informal, entre outras. Como o próprio professor apontou na despedida da palestra, as respostas a essas questões não tiveram o objetivo de resolvê-las, mas de incentivar que pensássemos a respeito.

Destarte, o texto que se segue é resultado do intuito do GMarx de difundir esses debates também no formato textual e para aqueles que não puderam assistir a palestra. A transcrição foi feita por integrantes do grupo: Marcela Piloto, Gilda Walther, Dálete Fernandes, Adriana Marinho, Gabriel Rocha e Carlos Quadros, com revisão do autor. Boa leitura!



## A PALESTRA

## INTRODUÇÃO

O tema dessa exposição é “o negro na economia brasileira”, tema do qual tenho um texto em meu *site*<sup>1</sup> justamente com esse título. O que hoje me foi solicitado é “a economia do negro”, levemente diferente. A economia do negro diria que é algo simples, porque o negro no Brasil é produto de duas situações. Uma situação que era resultado de uma crise que a Europa passou, e que ela tinha alguns recursos para crescer, para se transformar, e muitos recursos até para recuar. Porque nessa pendente do crescimento, você tanto pode ir para frente, ou supostamente à frente – mas pode ser que a frente seja atrás, e atrás seja a frente –. No entanto, como em geral raciocinamos de forma “ocidentalizante”, você pode ir somente para frente. Então, ir para frente seria: crescer, enriquecer. Ou pode ir, de fato, para trás, e se tornar mais pobre, menos poderoso, menos importante no mundo etc. Na observação da dialética do mundo, ao se caracterizarem as transformações, tanto se pode avançar quanto recuar; todo recuo contém um avanço para as partes componentes e também como para outras é um recuo; e vice-versa para todo recuo.

E essa é a encruzilhada que a Europa viveu; é marcada por certas características. Uma delas é a peste negra, que destruiu uma parte da população, e empurrou a Europa para a utilização de maquinários. A Europa tinha muitos

---

<sup>1</sup> WILSON DO NASCIMENTO BARBOSA. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/dnbwilson/>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

maquinários, os quais, em sua maioria, vinham da Ásia. E, tal qual a Ásia, a Europa não usava muito esses maquinários. Por exemplo, o moinho. O moinho é uma engrenagem que já está no Ocidente havia 400 anos antes de Cristo. Mas até o século XII da era cristã, tinham poucos moinhos cumprindo alguma função.

Em geral, o que se diz é que o trabalho escravo tinha se difundido desde o começo da civilização. A escravização em massa começa por volta de 7000 a.C. e vai tomando corpo cada vez mais até chegar àquilo que os teóricos marxistas chamam de *médio escravismo*. Quer dizer que todo o trabalho produtivo era realizado por escravos. E esse sistema de escravidão inibiu a utilização de maquinários e equipamentos. Mas depois da peste negra, faltava gente. E faltando gente, tratou-se de usar maquinários cada vez mais.

Há historiadores econômicos que dizem ser o século XIV o século do mecanismo de precisão. O século do relógio, digamos assim, porque as engrenagens assumiram uma grande importância na vida social. E com isso começou-se a suprir a falta de mão de obra, e começou-se também a procurar máquinas, deduzir ou montar desde essas, outras. E as máquinas começaram a se difundir.

A escravidão tinha recuado muito no fim da Idade Média na Europa, sendo a taxa dos escravos de 8% da população trabalhadora. Havia muita gente que não tinha atividades, não tinha terra, vagava daqui para ali, mas não queria ter patrões etc. Então, desencadeia-se um

processo no qual os senhores de terras, os senhores proprietários (o que nós chamamos de senhores feudais), vão ficar mais poderosos, porque têm menos massa camponesa do outro lado a exercer pressão contra eles; vão ter mais produção, porque essa produção é garantida pela evolução do maquinário; e eles vão tratar, portanto, de tomar terras – grande quantidade de terras – de camponeses, sejam terras comunais (que pertenciam à aldeia ou uma região) ou terras privadas que antes estavam nas mãos de famílias camponesas.

Esse processo começa no século XIV e avança até o século XVIII. Na Inglaterra, o forte deste processo é do século XIV ao século XVII. Eles conhecem lá a vitória da Revolução Agrícola, e depois da Revolução Industrial. Temos aqueles livros excelentes do Jacques Pirenne, Thomas Ashton, do Paul Mantoux (que escreveu o livro dele em 1892, você lê e parece que foi escrito na semana passada). Então, nós temos esses autores todos, que nos descrevem os processos com detalhe: e eis que é preciso muitos detalhes aqui.

Essa situação de avanço sobre a terra dos camponeses, redução das áreas livres em mãos das populações agrárias, e fortalecimento dos ricos – dos poderosos, dos donos de moinho, donos de maquinário –, isto vai levar a uma grande transformação, que é a expansão da Europa para fora das suas fronteiras. Aí tem um fato importante: apesar dessa redução da população que nós tivemos com a peste negra, a comida produzida na Europa para alimentar a população ainda era insuficiente.

Nós tínhamos seis ou sete tipos de grãos, e toda a produção estava alicerçada sobre eles. Então nós veremos que há outro processo que os historiadores chamam a atenção, que é o processo de ampliação do ciclo agrícola europeu. Porque se, numa produção dessas, o centeio, ou a cevada, ou o trigo em uma região, fracassasse, aquilo levava a uma situação praticamente de fome. Nós vamos ver que há um esforço da parte dos senhores europeus, ou das companhias de comércio europeias que formavam núcleos de cidades etc., de cultivar alguns produtos fora dessa área mais populacional da Europa, e trazê-los para essa área. Então as trocas se reforçam, configurando o sistema mercantil: o indivíduo compra e vende. E alguns países, algumas regiões, vão até se tornar relativamente especialistas naquilo que produzem. Por exemplo, na Grã-Bretanha, principalmente na Inglaterra, nós vamos ver que as aldeias se tornam especialistas em certo tipo de produção. Então uma aldeia que tem muito estanho em seu território, por exemplo, se torna especialista na produção de vasilhames de estanho, e ela troca com a aldeia vizinha, por exemplo, que produz centeio etc.

## **O DESENVOLVIMENTO DA ACUMULAÇÃO PRIMITIVA**

Então este comércio que antes era um comércio dentro das aldeias, ou de uma aldeia com a outra, transforma-se em um comércio entre regiões, que por sua vez, torna-se um comércio entre várias áreas que hoje constituem as nações europeias. O comércio cresce. Mesmo esse

crescimento inicial do comércio em função das necessidades de produção vai ser completamente revolucionado quando esse ciclo agrícola europeu for modificado com a conquista da América.

Com a conquista da América, incluiu-se nesse ciclo produtos que não eram europeus. Basta citar o México, por exemplo, que tem dezoito grandes produtos que passaram a ser cultivados na Europa, dentre eles: pimentão, pimenta, tomate, abacate, batata, milho etc. Então, a Europa se revoluciona, e atrás dessas produções da América vêm junto com elas as produções especializadas de produtos que não são tão vitais, mas que são altamente lucrativos. Como é o caso da cana-de-açúcar, que nós sabemos que era explorada na Sicília, no Egito, e foi para as ilhas africanas do Atlântico, e de lá veio para o Brasil e para o Caribe.

Vamos encontrar todo um processo de colonização montado pelos europeus com finalidade mercantil. Instalam a produção em determinado lugar, e a finalidade dessa produção é ser trazida para a Europa para ser vendida. A Europa sai de suas fronteiras e se estabelece, não naquele sistema antigo de rotas de caravanas, ou rotas de navios que iam buscar mercadorias, que traziam mercadorias de certa raridade; mas sistematicamente em trazer enormes quantidades de produção destas novas colônias que elas criam, tanto na América, ponto principal, mas também na África.

Nessa complementaridade do ciclo agrícola europeu com produtos tropicais e produtos do que nós chamamos

hoje de “Terceiro Mundo” há um passo importantíssimo para a transformação da economia mercantil simples em economia capitalista. Nós podemos recorrer a um autor simplesmente extraordinário que é o nosso amigo Karl Marx, que ao escrever o seu livro, começa fazendo uma análise de todos os economistas que escreveram desde William Petty do século XVII, lá de 1680, 1690, e vem até os economistas de sua época, em 1840, 1870. E o Marx lê esses quatrocentos economistas, e de alguns deles ele fez um fichamento que chegou para a gente, às vezes como informação geral em seus rascunhos, em seus cadernos, que se transformaram naqueles livros “Fundamentos” [*Grundrisse*], e às vezes, aproveitando-os em sua obra principal, *O Capital*.

Marx nos diz coisas extraordinárias, coisas de uma percepção muito grande, e que na verdade, constituem a principal linha explicativa do fenômeno da formação do capitalismo na sociedade moderna. Reproduzo uma citação dele, falando sobre a escravidão, para vermos quanta percepção há. Assim escreveu, na página 146, dos “Fundamentos” [*Grundrisse*]:

A escravidão dos negros, escravidão puramente industrial, se dá por descontada na sociedade burguesa, se bem que no curso do seu desenvolvimento se torna insuportável para si mesma e desaparece. Com efeito, sem os Estados livres que fazem uso do salário, os países escravistas isolados veriam de pronto suas

estruturas sociais retornar às formas pré-civilizadas.

Vamos só analisar essa pequena citação do primeiro volume do *Grundrisse* [“Fundamentos”] na edição cubana de 1970. Marx afirma: primeiro, que a escravidão dos negros é uma necessidade da indústria, atividade produtiva, (foi feita por necessidade industrial). Diz também o seguinte: essa escravidão tende a desaparecer como a forma dominante de uma região. Ele escreve isso sete anos antes de a escravidão ser abolida nos Estados Unidos. Então, é uma previsão que está fazendo; está vendo que a escravidão vai desaparecer. Continua: os Estados escravistas, isolados, se não fosse a outra ponta dos Estados industrializados, recuariam para formas pré-civilizadas. Essa é uma informação interessante para nós.

Marx está dizendo que as duas pontas estão ligadas: não pode haver acumulação capitalista sem a escravidão dos negros. E sem a escravidão dos negros, não pode existir aproveitamento do trabalho livre que vai se formando à medida que os camponeses europeus vão sendo tornados em pobres ou mendigos. Na medida em que são tomadas as terras dos camponeses, dissolvidas as terras comunais, e sobra mão de obra. Essas pessoas não se tornariam operários, não teriam salário para receber, se na outra ponta não existisse a escravidão dos negros.

Esse fenômeno, que Marx caracteriza no começo do primeiro volume de *O Capital*, é a indiferença. Ou seja, o que distingue a sociedade capitalista, o capital, na sua base, das sociedades mercantis anteriores, é a indiferença



diante da produção e da força de trabalho. O capitalista é indiferente ao que produz, e o trabalhador é indiferente quanto ao que produz, e quanto a quem o paga. Essa frieza de relações é uma relação social imposta pelas condições do assalariamento. O outro lado do capital é se transformar em salário, porque ao se transformar em salário, ele pode comprar o valor de uso que a força de trabalho pode produzir. E junto com essa compra do valor de uso da força de trabalho, pode projetar o *trabalho abstrato*, o *trabalho em geral* que existe na sociedade, como valor de troca dentro da mesma mercadoria, dentro do mesmo produto. Nesse momento, ao se fazer, se transforma em mercadoria, que, portanto, pode ser trocada por dinheiro. Do contrário, diz Marx, o dinheiro ficaria apenas em suas duas formas anteriores, não teria sua terceira forma monetária, que é puramente capital. Esse dinheiro-capital é quem está por trás do processo da escravização: é ele que faculta a escravização. É através da escravização que se viabiliza na outra ponta a acumulação de capital.

A teoria de Marx da acumulação de capital é a única teoria que explica o funcionamento do capitalismo, a exploração na sociedade capitalista, e porque a sociedade capitalista é o que é. Quer dizer, que ela produz valores de uso em quantidades enormes, e grande parte desses valores de uso contidos nas mercadorias, não podem ser apropriados porque têm que passar pela forma monetária *dinheiro*, que é a que permite realizar a mais-valia contida

na mercadoria em lucro, e ser apropriado este por capitalistas concretos.

Quando dizemos isso, já sabemos que não podemos pensar na sociedade do capital, no mundo do capital, sem entender que o mundo do capital é a construção do racismo, que a mercadoria que ele produz só se viabilizou porque na outra ponta foi feito trabalho escravo. E o trabalho escravo é uma forma de mobilidade que é “imóvel”. Para que o trabalho livre, uma forma de trabalho-mobilidade, seja indiferente no processo do que produzir, tem que passar “na outra ponta” pelo trabalho escravo.

Então recordo aquele gráfico que nós conhecemos, aquela figurinha ou desenho que a gente conhece dos livros, em que, de um lado, está o trabalho, no centro a mobilidade, do outro lado a produção capitalista. Não existe produção capitalista sem mobilidade da mão de obra. É a mão de obra, diz Marx, que vai até o local em que ela será explorada, livremente. Ela se faz contratar. Mas essa mão de obra livre que vai até o local de trabalho, só pode ir até lá porque existe uma parte da mão de obra que é capturada em algum lugar, escravizada e produz para viabilizar o processo de expropriação do sobreproduto, em ambas as “pontas”.

A escravidão está entranhada profundamente com o trabalho livre. Trabalho livre e escravidão são os dois lados de uma mesma moeda, poderíamos recorrer àquele recurso do deus Janus dos romanos, que tem uma cara

para um lado e a outra cara para outro lado. De um lado é o trabalho escravo, do outro lado é o trabalho livre.

“Ah, o capitalismo, ele é livre, mas em certos lugares atrasados há a escravidão...”. Não. Sem escravidão, não haveria o sistema capitalista. A desumanização de milhões de trabalhadores como escravos viabilizou o gradual assalariamento de outros milhões. Em 1840, havia 400 mil trabalhadores fabris para milhões de escravos no Ocidente. Esse é o primeiro ensinamento que Marx nos dá, que está nessa pequena nota, e que aparece em muitas outras passagens d’*O Capital* e do *Grundrisse* [“Fundamentos”]. Isso é importante para nós.

E se nós entendemos que o capitalismo foi fundado com base no racismo, na escravidão, é uma grande ilusão dizermos: “veja, você está explorando essas pessoas desnecessariamente”. Não: escravos são escravos. O próprio Marx diz, em várias passagens dos seus textos, que a diferença entre o trabalho escravo e o trabalho livre, é que o trabalho livre é mais barato.

O trabalho livre sofreu uma situação, um custo adicional que foi a escravização dos negros. Portanto, tão logo essa sociedade industrial se implantaria, ela se livraria da escravidão explícita, direta, aberta. Então nós não entendemos como a Inglaterra que tem o Porto de Liverpool, que ganha em cada carga de navio negreiro, no começo do século XIX, em média 20.000 libras [por carga], é dinheiro para construir quatro fábricas têxteis (uma fábrica têxtil no mesmo período valia 4.000 libras), uma carga de navio negreiro. Você vê que o peso está do

lado da escravidão, não está do lado da transformação industrial. Está aqui no texto de Marx já citado do primeiro volume do *Grundrisse* [“Fundamentos”]: a transformação industrial é responsável pela escravidão. Se ela não tocar a escravidão para frente, ela não pode avançar com o assalariamento generalizado. Então, temos uma herança dessa sociedade inicial nesse período que chamamos de acumulação primitiva.

A acumulação primitiva avança, cria a sociedade do capital e os países industriais, onde a força de trabalho é móvel e vai procurar trabalho, sendo possível montar centros de concentração produtiva para essa força de trabalho, que primeiro são as manufaturas e depois são as fábricas. E nas colônias, nos países dependentes, nós temos as plantações, os engenhos, nós temos a produção industrial com base no trabalho escravo que é remetida para o centro.

A relação escravista, o capital escravista, é uma forma do capital mercantil que está se transformando em capital industrial. E quem vai comandar todo esse processo é o capital industrial. Então não devemos confundir as formas do capital com nenhuma sociedade. Em uma sociedade, na verdade, nós podemos ter várias formas do capital. Como hoje temos a forma industrial do capital, a forma financeira e a forma mercantil.

Quanto mais no Brasil, por exemplo, hoje avance a economia de serviços, mais atividade mercantil nós temos, porque o indivíduo tem que vender o trabalho para os serviços, e não para a produção industrial. Ele [o

indivíduo] não gera mercadorias físicas, que é uma das características que diante da alienação, diante do fetichismo, a mercadoria física contém o fetichismo da mercadoria. Ele permite a realização das mercadorias nas atividades de serviços. Uma grande quantidade de mercadorias dá a impressão de que você está em abundância. Nós entramos no supermercado e tem aquela quantidade enorme de mercadorias. O meu filho, que é muito esperto, diz assim: “ah, isso aqui está virando a União Soviética, porque tem uma grande quantidade de mercadorias, mas só tem quatro tipos de mercadoria em cada tipo”. Antigamente, tinha vinte. Isso é a concentração monopolista; mas, de qualquer maneira, você entra no supermercado e diz: “não, as mercadorias que têm aqui dão para abastecer todo mundo”. Se você fizer a experiência e proclamar o socialismo no dia seguinte, verá que aquelas mercadorias não dão para abastecer todo mundo. Porque elas são feitas somente para abastecer certas camadas sociais portadoras do poder de compra, portadoras de dinheiro. Então, o sistema capitalista é um sistema voltado para a produção de valores de uso, mas que contém uma contradição: só pode trocar a mercadoria por dinheiro.

Os valores de uso só podem ser liberados para o uso dos consumidores, só podem ser úteis, se permitirem a efetivação do valor – pelo menos em parte – contido na mercadoria. E o valor da mercadoria se faz contra o dinheiro, é a terceira forma da transformação monetária,

o dinheiro que compra a mercadoria, ou a mercadoria que compra o dinheiro (pode ser o oposto).

Essa mercadoria que é trocada pelo dinheiro efetiva a mais-valia que ela contém. Vocês conhecem a teoria da mais-valia, sabem que Marx chamou atenção para o seguinte: dentro de cada mercadoria uma parte constitui o pagamento do salário ao trabalhador, que vai em um lugar e produz a mercadoria. Uma parte do tempo que ele gasta para produzir a mercadoria é pago como salário, mas depois que recebeu esse salário, que garantiu esse salário por aquele trabalho de um certo número de horas, ele continua trabalhando sem receber nada em troca. Então, Marx diz: toda mercadoria contém duas partes, uma que é o trabalho pago sob a forma de salário, e a outra que é o trabalho não pago e que é incorporado no valor da mercadoria; e que constitui a possibilidade de existir o valor de troca, que é incorporado pelo capital e é fixado pelo capital, que está ligado ao capital materializado sob a forma de matérias primas.

Então, temos o capital fixo, que são os equipamentos; o capital constante, que são as matérias primas; e o capital variável, que é a força de trabalho. O capital variável é pago com o que o trabalhador recebe da jornada de trabalho. E Marx dá vários exemplos, em uma quantidade enorme de cálculos, para mostrar como em cada tipo de mercadoria o número de horas necessário para a reprodução da força de trabalho, para ser paga pelo salário, é  $X$  ou  $Y$ . Assim, por exemplo, ele realiza um cálculo mais geral com o seguinte raciocínio: no nível de

trabalho de 10 horas, 5 horas são pagas como salário, e 5 horas do trabalho não são pagas como salário. O trabalhador só recebe uma parte, que é a reprodução da força de trabalho; a outra parte, quer o capitalista perceba ou não, é incorporada como mais-valia, quer dizer, como uma riqueza adicionada ao produto sob a forma de valor, que permite a venda do valor por um preço, que vai atingir e corresponder ao valor superior ao que foi gasto na produção da mercadoria.

### **O PROCESSO DE GANHO DO CAPITALISTA**

Não teria sentido, então, o capitalista produzir uma mercadoria, se não fosse vendê-la acima daquilo que gastou para produzi-la. Esse acima do que foi gasto é o trabalho não pago que está incorporado na mercadoria. Esse trabalho não pago representa-se como uma forma, essa forma é o capital em potencial. Porque a soma desses capitais acumulados sob a forma de mais-valia ao serem efetivados como lucro depois no comércio, na venda das mercadorias, vai se acumular e constituir a acumulação de capital.

Essa acumulação de capital vai liberar uma parte, que vai comprar nova quantidade de força de trabalho, que vai ser incorporada na onda, no movimento seguinte de produção de mercadoria.

É importante entendermos isso, porque não é desejo do capitalista incorporar o máximo de mão de obra nas suas atividades. Duas coisas são o seu desejo:

1. utilizar a mão de obra que trabalha para ele no mais longo tempo que for possível, porque ela já está ali trabalhando, já foi paga e ela está só trabalhando horas excedentes, está só gerando mais-valia que se acumula nas mercadorias, e;
2. reduzir o número de trabalhadores ao menor número possível, usando para isso o capital constante e o capital fixo.

Quer dizer, a máquina é o objetivo do capitalista para aumentar a sua taxa de lucro. Quanto mais máquinas ele introduzir, mais eficaz será o trabalho do trabalhador, e por que será mais eficaz? Porque economiza mão de obra.

A máquina, afirma Marx, pode trabalhar incessantemente como as forças da natureza. Uma cachoeira trabalha 24 horas por dia. Se você tiver uma máquina e deixar ela ligada 24 horas por dia, ela trabalha 24 horas por dia. Você vai ter que ter 2 turnos, 3 turnos de trabalhadores, mas a máquina suporta tal ritmo. Ela vai se desgastando lentamente, se incorporando no trabalho geral que é posto em todas as mercadorias, mas o que é a máquina? A máquina é tecnologia. Tecnologia é trabalho morto. Por que diz Marx que a tecnologia é trabalho morto? É trabalho morto porque a máquina imita os tempos de trabalho necessários à produção de certas coisas.



O trabalhador faz certas coisas de determinada maneira. Por exemplo: eu faço botas de tal maneira, o outro faz de tal outra maneira, ambos somos artesãos e, quando esses artesãos vão trabalhar nas fábricas, eles utilizam essas experiências que têm para criar os seus momentos de trabalho nas fábricas. E o que faz a máquina? A máquina é produto de um engenheiro que observa os momentos de trabalho e cria uma ferramenta complexa, ferramenta que tem em si vários momentos de trabalho e que, portanto, produz os ritmos e os momentos de trabalho que o trabalhador produz, agora em uma quantidade mecânica, em um movimento mecânico. A máquina é a mecanização do trabalho vivo. Ora, se a máquina está lá e mecaniza o trabalho vivo, o trabalhador deixa de ser a pessoa que faz o produto, que faz a mercadoria, e passa a ser a pessoa que auxilia a máquina a fazer a mercadoria.

Cada vez mais, nos produtos, é incorporado o trabalho morto, quer dizer, o movimento de máquinas, e diminuído o trabalho vivo, quer dizer, as horas efetivas de um número de trabalhadores. Esse trabalho vivo que diminui em quantidade de horas de trabalhadores é ativado pois cada trabalhador que está trabalhando deve trabalhar mais intensamente do que se estivesse trabalhando como outros trabalhadores, pois está trabalhando sob o ritmo da máquina. Com isso entendemos por que o capitalista não quer tantos trabalhadores assim. Ele quer que passe por dentro do seu sistema produtivo um grande número de trabalhadores,

para que uma parte fique trabalhando e a outra parte desempregada se constitua em uma reserva de trabalho para quando ele por acaso tiver que enfrentar as flutuações do movimento criativo do capital.

Elaborei até aqui duas ideias: uma é a de que a escravidão é uma necessidade industrial; a outra é a de que o patrão não necessita de tantos trabalhadores. A terceira ideia a desenvolver é: por que numa sociedade que sobrou da escravidão, os capitalistas iriam necessitar de tantos trabalhadores? Não necessitam. Ao contrário, as máquinas são inventadas na outra sociedade, na outra ponta da sociedade, e vem para essa ponta somente para serem utilizadas.

Então, essa mão de obra que está aqui é uma mão de obra adicional, que cada vez mais produz para a outra mão de obra do setor industrial do capital, complementações produtivas. Fases talvez intensivas em trabalho que são pagas nas condições sociais de uma sociedade que vem da escravidão. Pois, afirma Marx: os hábitos de trabalho, o preço com que se compra a força de trabalho, são determinados historicamente, não se tratam de um fenômeno natural. Cada economia, cada país, tem a sua história, e tem uma maneira de se constituir um preço dessa força de trabalho.

## O CARÁTER ESPECÍFICO DA FORÇA DE TRABALHO

A força de trabalho que estava na escravidão é a que menos foi remunerada, pelo contrário. Inclusive trabalhou um período histórico inteiro sem ser remunerada. Só recebia comida, em termos. Nós sabemos que na escravidão brasileira só o domingo era dedicado para os escravos criarem suas próprias plantações e hortas. Então eles trabalhavam no dia de descanso para se alimentar. Era 1/7 o produto gerado na economia, isso é, o que eles recebiam; os outros dias eles comiam o que produziam naquele 1/7. Então esse trabalhador que vem do 1/7, como ele vai trabalhar? A um preço muito menor do que o trabalhador do centro do sistema.

Por que uma sociedade que teve a escravidão, deixará de tratar como escravos os trabalhadores que para ela trabalham? Seria extraordinário, não é? “Não, a burguesia nacional tem um interesse em pagar um salário elevado porque cria um mercado para ela mesma”; a coisa não é assim tão simples. O mercado que ela está interessada não é o mercado daqueles ex-escravos. Não é o daquela população escura que ela explora. Ela está interessada no mercado das metrópoles, produzir coisas complementares para as metrópoles: chá preto, café, couro, comidas exóticas, jabuticabas etc.

O México, por exemplo, produz pêssegos que são mais baratos em Londres ou em Ottawa do que são na Cidade do México: eles viajaram de avião, são pêssegos que têm passaporte, foram para Londres, foram para Ottawa. E

como eles chegam lá mais baratos, já que nasceram no México? É evidentemente um processo de drenagem de riqueza.

Assim, uma sociedade periférica, como a do Brasil, não está montada para resolver o problema das pessoas que vivem no Brasil. Ela está montada como parte da sociedade industrial: a primeira forma que se utilizou para isso foi o trabalho escravo, a segunda forma é o trabalho “livre” – lembrem-se que quando os europeus chegaram aqui na chamada nova imigração (1870-1960), houve uma tentativa dos contratadores de mão de obra de reduzi-los a uma escravidão disfarçada; o que é conhecido com o nome de colonato na história brasileira. O colonato nada mais é do que querer pagar o europeu como se pagavam os escravos, com vale de barracão. E pagaram durante muito tempo, o que só acabou durante 1930, não?

O europeu resistiu, pois tinha apoio das suas embaixadas etc.; mas veja que tentaram escravizar o próprio europeu. Veja bem, não há um problema pessoal com o negro: vocês veem esses filmes que dizem assim “isso não é pessoal”, quando o cara vai atirar no outro. Não é pessoal. É uma questão de realizar a taxa de lucro e, o negro, coitado, como ele é a maioria da população brasileira, evidentemente não é pessoal, não é contra ele como pessoa. “Mas é com ele mesmo que estou falando”.

Nesse sentido, nós vivemos em uma sociedade onde a economia do negro é uma economia que passa perto do nível do trabalho escravo. Isso faz parte estruturalmente da sociedade brasileira. E não será eliminado por

discursos, suspeito disso. Darei até uns números para vocês da situação do negro no Brasil. Suspeitam os historiadores e sociólogos que cerca de 11% da população negra no Brasil se esconde, não se declara negra; em números, dá cerca de 23 milhões de pessoas. “Eu não sou negro, sou jambete, moreno etc.”, não quer se declarar. Os que se declaram negros são cerca de 9,2%, ou seja, cerca de 19 milhões de pessoas que se dizem pretos, segundo a classificação do IBGE, e 46,9%, portanto 89,7 milhões, que se dizem pardos. O IBGE soma os pretos e os pardos como negros, então temos 56,1% da população. A maioria da população brasileira, portanto, se reconhece como negra.

Em 1985, na primeira enquete que o IBGE fez disso, 67% da população brasileira se reconheceu como negra, pois era muito forte naquela época a campanha do Movimento Negro Unificado. Então, 67% da população se reconheceu como negra, mas já tivemos agora esse recuo desses 11% que se transformaram em outra coisa, não são negros, o que dá 23,5 milhões de indivíduos.

O negro hoje, também pela estatística do IBGE, já é maioria no ensino superior público, o que é uma boa razão para sucateá-lo. Porque quando você vai levar uma boiada para o matadouro, você tira aquela boiada do curral principal e leva para um outro curralzinho, entendeu? Isso também se aplica aos presos. Os presos, se você for no sistema penitenciário comum, assim como nas delegacias, e dizer “fulano, beltrano e sicrano, banho de sol”; o cara não quer. Ele não quer tomar o banho de

sol. Ele é tirado a força para tomar o banho de sol, porque ele sabe que se pegar uma corzinha, no dia seguinte ele estará estendido em alguma estrada por aí; ele não pode vir com aquela cor pálida de quem estava preso, tem que vir colorido.

Então é a mesma coisa: assim como você separa os boizinhos, separa os presos; você está tocando uma boiada para dentro da universidade pública, que são os pretos. “Deixa esses caras entrarem na universidade pública, depois nós acabamos com essa universidade pública, liquidamos”.

Vocês sabem, por exemplo, a situação das universidades públicas nos EUA; a situação quase sempre é lamentável comparada com as instituições privadas. Aqui querem fazer a mesma coisa.

60% da população carcerária brasileira é autodeclarada negra. 60%, 6 em cada 10, é um número bastante intenso, não? Da força de trabalho, 58,9% se declara negra; é mais do que a metade da força de trabalho. Isso explica em parte por que o salário deve ser baixo, e por que deve até ser rebaixado. É porque o indivíduo corresponde à visão que o patamar dele é o patamar dos escravos. Ele tem que estar lá embaixo naquele nível de vida do escravo. Portanto, ele não tem problema de moradia, não tem problema de educação, não tem problema de diversão, não tem problema de comprar roupas na moda, não tem nenhum desses problemas. Ele com aquele salário vai se virar e fazer isso tudo porque quer, por um capricho dele.

47,3% dos negros são trabalhadores informais. A questão do trabalho informal está relacionada com aquilo de “quem eu não quero na fábrica”. Aquela pessoa que passou pela fábrica, mas sobrou cada vez que a tecnologia foi modificada, faz parte de uma chamada força que se chama *exército industrial de reserva*. Sobrepopulação fabril, um excesso de população em relação a quem pode ter emprego, essas pessoas vão todas a esse tipo de trabalho informal.

Então, as pessoas negras são sempre camelôs, estão vendendo coisas no metrô ou na rua. E, evidentemente, a nossa sociedade é tão perversa que não reconhece esse direito de deixar a pessoa vender coisas na rua. Se você for no México, vai estar todo mundo vendendo coisas na rua, mas aqui não. Aqui tem uma polícia que reprime, prende, toma as mercadorias.

O cara está vendendo balinhas dentro de um trem do metrô, ele é preso, as mercadorias são tomadas dele e confiscadas. “Vai lá buscar no depósito, paga lá a taxa, tem que se registrar”; é uma coisa impressionante. Como se as pessoas tivessem dinheiro, como se fossem negociantes, como se estivessem muito bem de vida e por capricho não querem pagar taxa nenhuma. “Eu vou ser comerciante, mas não vou pagar taxa nenhuma”; quem é que vai acreditar nessa opção do trabalhador? Então, para essa sobrepopulação de trabalhadores, a única saída que eles têm são esses trabalhos informais.

Há vários escritores, dos socialistas utópicos, que diziam o seguinte: nada é pior do que o trabalhador ter

um salário para receber. Fourier, por exemplo, dizia isso; Owen dizia isso. Porque o salário é a dimensão da miséria do trabalhador, quem recebe salário jamais enriquecerá. Pois o que ele vai receber é o salário; então, quando o indivíduo faz um contrato para trabalhar em um lugar e ele tem um salário, ele vai ganhar aquele salário durante toda a vida de trabalho. Vejam como os utópicos do século XIX viam o salário. O salário não era um benefício, o salário era um castigo. Você vai ganhar um salário; esse que não vai ganhar um salário pode se transformar em um comerciante, em uma outra coisa. Você que entrou na fábrica e vai ganhar um salário está ferrado. Isso é o máximo que você vai ganhar pelo longo curso da sua vida.

## **O NEGRO BRASILEIRO COMO FORÇA DE TRABALHO NEOCOLONIAL**

Hoje em dia interpretamos o salário de forma diferente: a mão de obra foi conduzida a uma situação tal, que as pessoas querem ter um salário. A miséria atingiu proporções tais com o crescimento da população, que a pessoa diz “eu tenho um emprego e tenho um salário, eu estou bem”. Porque há muitos degraus abaixo da situação em que ele está.

A chance do negro morrer no Brasil é 2,7 vezes maior do que a do branco: pelas condições sanitárias e pelas condições político-sociais em que ele vive, a sua chance é



muito maior. Se um branco vai viver 100 anos, o negro viverá 70, tomando casos isolados.

Finalmente, podemos dizer o seguinte: os brancos que têm nível superior ganham 45% a mais do que os negros que têm nível superior. Se um trabalhador branco ganha 100 reais por mês, o trabalhador negro no Brasil ganha 55. Nos EUA, ganha 70, no Brasil, ganha 55, de acordo com os dados do IBGE.

A mulher branca, no caso em que o homem branco ganha 100, ganha 70; a mesma mulher branca tem uma pessoa que ganha menos do que ela, que é a mulher negra que ganha 49, quarenta e nove!

Pense nesses números: 100 para o trabalhador branco, 55 para o trabalhador negro, 70 para a mulher branca e 49 para a mulher negra. Quer dizer, se uma pessoa está ganhando 100, a que está ganhando 49 está ferrada. Não há como fugir dessa observação.

Eu poderia me estender mais, mas para a gente trocar algumas perguntas eu vou lembrar que em meu *site* tem alguns textos que tratam de assuntos correlatos com esse daqui. Há textos como “o negro na economia brasileira”, “a acumulação de capital no Brasil”, e “história cultural e etnicidade negra”; com a leitura destes, é possível complementar as ideias que levantei aqui. Se ficar só eu falando aqui vai ficar uma coisa chata para vocês. Gostaria que vocês fizessem uma ou outra pergunta sobre alguma coisa que eu omiti



## O DEBATE

**Pergunta:** *Wilson, no tocante aos direitos trabalhistas no Brasil, pode-se incluir as lutas anti-escravistas e por melhor condição de vida dos escravos como um momento da luta da classe trabalhadora brasileira ou há uma ruptura, no Brasil, entre as lutas por melhorias da condição de vida do trabalhador operário (pós-abolição/industrialização) e as lutas escravas?*

**WNB:** Eu acho que é o mesmo movimento, uma coisa só. Somente que a esquerda brasileira não vê o problema racial, não vê o problema étnico em geral – já existe hoje uma preocupação maior com isso, mas historicamente não se tem visto assim. A situação da classe operária, da classe trabalhadora, era de praticamente 60% do operariado composto por negros; então, é evidente que quando se fala de trabalhador, você está falando também desses 60%, então existe sim uma continuidade dessas lutas.

O que não existe é um discurso sobre essa continuidade, não existe a percepção étnica no Brasil. A esquerda tradicional acha que falar sobre o problema étnico é dividir a população, porque em geral os dirigentes dessa esquerda tradicional são brancos e eles, talvez, tenham mais solidariedade com o europeu do que com a população brasileira, eles se identificam mais com o europeu do que com a população brasileira. Existe no Brasil uma certa resistência em se falar do problema étnico, de que é composta a população brasileira. Por

exemplo, a gente não percebe ou finge que não percebe esse desnível salarial, não queremos falar sobre isso.

Eu me lembro de que quando eu morava na Suécia, eu tinha um companheiro exilado uruguaio que era vizinho meu. Um dia nós fizemos uma feijoada e juntamos todos para comer a feijoada e tomar uma cachacinha vinda da Alemanha. Ele contou que lá no Uruguai ele era tupamaro e quiseram prendê-lo lá e ele fugiu para o Brasil e foi trabalhar em uma empresa brasileira; ele tinha um sobrenome alemão. Quando ele chegou na empresa, levou um currículo para pedir trabalho. Então, levaram o currículo para um dos diretores da empresa, que era um dos proprietários, e o mandou subir. Ele disse que a sala em que eles ficaram era envidraçada, enquanto todo o pessoal trabalhava lá embaixo (era do ramo da editoração gráfica). Quando ele chegou na sala, o patrão fechou o vidro, para sua voz não vazar para fora. E disse “pelo menos agora vou contratar um trabalhador decente e não um paraíba, que aqui é cheio de paraíba” e disse que iria lhe pagar o dobro e que ele seria uma espécie de gerente. Mas pediu para que ele não discutisse isso com os outros, porque ficariam com ciúmes. O uruguaio saiu da sala envergonhadíssimo, mas como era um exilado político, escondido, não falou nada e foi fazer o trabalho. Ele disse que se alguém lhe dissesse que o racismo do Brasil era desse nível, antes não acreditaria.

Ele contou isso para a gente, comendo a feijoada junto conosco – e o feijão era preto! Só que o feijão era mexicano, não era brasileiro. Era um feijão melhor do que

o nosso, maior, mais gordo etc. Então esse problema étnico é realmente um problema que as pessoas não querem falar no Brasil. Alguns, porque carregam no seu sangue as vítimas e não querem falar sobre o assunto.

**Pergunta:** *Como associar a predominância das mulheres negras no trabalho informal com essas questões macro: sociabilidade capitalista, racismo e sexismo?*

**WNB:** Marx diz que os hábitos da sociedade se manifestam e tipificam a produção capitalista. Então o que é a produção capitalista? A produção capitalista é um sistema com certo nível de maturação das forças produtivas. Chega-se a um momento histórico em que pelo simples processo de produção as forças produtivas se reproduzem e tendem a crescer cada vez mais – e crescem! Cada vez que há uma reprodução ampliada, isto é, cada vez que um capitalista aplica verbas na expansão de sua produção, ele expande as forças produtivas. Mesmo as relações de produção capitalistas, elas não podem conter todos os acontecimentos da vida social, embora elas mudem mais rapidamente que as relações pré-capitalistas anteriores.

E há outro fenômeno importante também. Já os filósofos do iluminismo chamavam a atenção que as sociedades dominadoras, elas não desaparecem simplesmente. Aquela discussão toda dos enciclopedistas que vai dar na Revolução Francesa, eles já chamam a

atenção de que uma nova dominação que vai se estabelecer, ela sempre vai herdar todas as formas caducas das dominações anteriores. Então, o capitalismo, que é um sistema de apropriação privada, ele não precisa para nada abolir as relações privatistas ruins ou caducas do mundo feudal.

Como se explica isso no pensamento marxista? A linguagem do Marx resolve isso para gente – ela vem do hegelianismo: *formas*. Nós temos formas, quer dizer, o novo se manifesta através do velho, o novo se manifesta como novo se recombina com o velho: é a dialética, o movimento dialético. Então na sociedade em que vivemos, todo o lixo das sociedades anteriores – e é por isso que as religiões permanecem praticamente intocadas – transita livremente para a nova sociedade. Ela, a famosa superestrutura, só precisaria ser removida pelo capital, se ela dissesse “você trabalhadores têm direito a 3 dias de folga por semana”, então seria uma instituição que não serve, iria ser abolida. Faz-se um decreto para aboli-la e se pune quem tenta pô-la em execução. Mas se diz “você têm o domingo de guarda”, o capitalista então diz “é, é bom que tenham o domingo de guarda para voltarem descansados na segunda-feira”. Então é uma instituição que não foi ele quem criou, se ele tivesse criado desde o princípio a sociedade humana, talvez ele eliminasse esse domingo de guarda, mas já estava aí, deixa estar.

Então todos esses vícios da sociedade, o sexismo, por exemplo, é um resultado que vem lá da sociedade seminômade ao se transformar em uma sociedade

citadina, lá no Egito antigo, lá na Babilônia antiga, lá na Turquia Antiga, quando aqueles grupos que migravam levando ovelhas, fazendo pastoreio etc., foram se fixando na terra e criando cidades, não meras aldeias de pau a pique, eles foram consolidando aquelas relações que o homem, o macho, era e tem sido o dominante e transformando aquilo em instituições.

Nós temos um monte de leis hoje em dia que vêm do Estado romano, o nosso respeito pela terra pública, vem do *ager publicus* dos romanos. As terras que eram repartidas privadamente entre os camponeses eram aquelas tomadas dos vizinhos, resultado da guerra. A terra romana era pública, pertencia ao Estado. E as famílias ricas em Roma eram quem? Eram aquelas que durante a guerra tomaram as terras dos outros povos. Então esse indivíduo merece uma referência, um laudo: “fulano de tal, senhor de guerra, tomou aquele território, uma parte é dele, e outra ele está entregando para o Estado romano”.

Aí se transformaram nos grandes fazendeiros e criaram as diferenciações entre as famílias, as tribos de famílias (porque a família é uma coisa; as famílias que entre si são parentes, formam aquilo que os romanos chamavam de tribos, as “gentes”. “Gen” significa família e “gentes” significa um grupo famílias de aparentados entre si e que levavam um nome comum). Assim você vê que a única maneira de os indivíduos que não eram patrícios de fazerem vida política no mundo romano, para dar um exemplo, era ser adotado por uma “gentes”,



adotado por uma família que era patricia – e se ele não fosse adotado não poderia fazer política. E grande parte do motor da história romana é a promoção do indivíduo que nada é à condição de uma camada que tem uma participação no exército e, por isso, recebe uma parcela de poder político.

Então, as instituições velhas, elas permanecem, e são renovadas como formas da nova sociedade estabelecida.

**Pergunta:** *Por falha de internet, eu infelizmente não consegui compreender a fala do Professor sobre cotas para negros na universidade pública. Dentro dessa demanda (por compreender melhor a questão das políticas inclusivas), eu gostaria que o Professor comentasse mais longamente sobre essas políticas, considerando a tese de que o "aburguesamento" é, em essência, excludente, e voltado para o indivíduo, antinomicamente polarizado com seus pertencimentos mais amplos.*

**WNB:** Na verdade eu nem falei sobre as cotas, falei apenas que à medida que os negros são facultados de entrar na universidade pública, inicia-se uma conspiração para a destruição dessa universidade pública. Mas também não é fato isso que o Fernando na pergunta disse que, para o indivíduo, o indivíduo se aburguesar, é ruim para ele; é ruim para os outros que ele deixou para trás, para ele não. Porque na sociedade burguesa, a classe dominante é a burguesia e, embora a burguesia se trate

entre si como cães raivosos, eles fazem isso com sangue frio. A quota pode permitir a entrada do pobre na universidade, mas isso só faz dele um operário qualificado e não um burguês.

Por exemplo, é uma coisa que sempre a gente tem que meditar. Um empresário capitalista, ele destrói a empresa capitalista que concorre com ele, a empresa de um rival. Quando tem uma crise, ele procura através do banco retirar o crédito do seu concorrente, para comprar a empresa do outro barato; ele não quer comprar pelo preço do mercado, quer comprar barato. Então a classe capitalista, vista no plano individual, se *entredévora*, ela pertence ao mundo real. É isso que ela ensina aos operários, porque é assim que ela vive. Marx dividiu o mundo no mundo formal, mundo de aparências, e o mundo real, o mundo que realmente se passa. Então a classe burguesa, se ela destrói a si própria para se renovar, porque que ela teria piedade de um trabalhador, ou de uma “classe média”, de um jardineiro, de um policial? De maneira nenhuma. É a sociedade dela a sociedade da impiedade.

No entanto, o discurso oficial da sociedade burguesa contemporânea é a razão; mas é a razão nos píncaros congelados da Suíça, é só um discurso. Você na universidade tem que fazer esse discurso racional, você não pode ficar nervoso. Então, evidentemente, seria uma ilusão da gente achar que uma pessoa que é pobre e tem dificuldades etc., se ela se aburguesar, isso é ruim. Não. Para ela é bom. Na verdade, é isso que o trabalhador vai

aprender na universidade. Para a sociedade é ruim? Não faz diferença. Até para a sociedade capitalista, se o número dos que estão se aburguesando for muito grande é favorável, mas é indiferente. Aliás, o Estado capitalista, a função dele é transformar os de baixo em burgueses, para consolidar o sistema de poder político. É o que eles fazem o tempo todo, apoiando os elementos corruptos. A bolsa de estudos deles não é uma coisa generosa, é para defender o conjunto da classe dominante. Sugar sangue novo.

Eu me lembro de uma vez quando nós fomos em grupo conversar com o Presidente Sarney, quando ele era presidente. E nós fomos lá fazendo propostas sobre os negros etc., e ele nos disse assim: “ah, mas se vocês pelo menos formassem uma elite em que eu tivesse alguém com quem dialogar, eu poderia ajudar”. E eu disse: “Presidente, quem tem que formar elite é o senhor, nós não temos poder de conseguir formar elite, nós não temos poder nenhum”. Quer dizer, no Brasil eles estão percebendo que devem formar uma elite negra para poder dialogar com ela e esta será, evidente, uma elite burguesa.

**Pergunta:** *A superexploração do trabalho é o fundamento da economia dependente, segundo Marini. Como essa superexploração se relaciona com o racismo?*

**WNB:** Se relaciona com qualquer trabalhador, negro ou não, que entrando na fábrica, para trabalhar 8 horas por dia, recebe a proposta de trabalhar mais 2 horas e receber um percentual suposto correspondente a mais duas horas. Então ele vai trabalhar 10 horas, pode trabalhar 11 horas. Quer dizer, a superexploração é o prolongamento da jornada de trabalho, é a obtenção da mais-valia absoluta. Quanto mais prolongada for a jornada de trabalho, é superexploração. Rui Mauro Marini diz isso.

Ele também diz a outra ponta que o Marx diz lá, a relativa, que é a intensificação da jornada. Por exemplo, se a máquina trabalha mais depressa do que poderia estar trabalhando, se ela tem um “botãozinho” para a velocidade, é intensificação, então, na mesma quantidade de tempo, o indivíduo dá mais nervos, mais sangue, mais atenção, quer dizer, ele incorpora mais trabalho vivo no processo produtivo; então essas duas explorações são inevitáveis no sistema capitalista.

Qualquer patrão capitalista prefere aumentar as horas dos trabalhadores que estão trabalhando a contratar mais trabalhadores. Porque mais trabalhadores é mais novidade, é mais número, é mais confusão dentro do espaço do trabalho. Quanto menos trabalhadores tiver fazendo as mesmas tarefas que os outros – vide a crise do fordismo e a elevação do toyotismo, do ohnoísmo – é

melhor para ele. Então você vê que o toyotismo é um sistema em que, no lugar daquela cadeia clássica do Ford (que é mostrada pelo Carlitos no *Tempos Modernos*: o cara está na fábrica torcendo parafuso e ele acaba saindo da fábrica torcendo parafuso), cria-se uma equipe de trabalho, dá-se um ambiente de trabalho novo para a equipe e cria-se outra do lado. E se dá um ambiente também para aquela outra. E elas estão concorrendo, quem chegar primeiro vai ganhar o melhor salário, a segunda vai ganhar um segundo salário e a terceira um terceiro salário; ou seja, a produção naquela fábrica aumenta muito.

No toyotismo há trabalhadores que manejam quatro máquinas durante o seu processo de trabalho de 8 horas. Enquanto no passado, aqueles trabalhadores do século XIX manejavam uma ou duas máquinas no horário de trabalho. Existem hoje sistemas de trabalhos fabris em que o trabalhador trabalha com oito, dez máquinas... o mesmo trabalhador ou trabalhadora, andando de um lado pro outro. Os tornos [mecânicos] têm uma programação hoje em dia em que, se ele vê o torno rangendo, aperta um botão para entrar outro indivíduo que destrava aquilo que aconteceu. Ele não vai lá destravar, porque ele só está pulando de um para o outro e não pode atrasar seu ritmo. Então a intensidade de trabalho é tremenda. E ele é pago como? É pago como três ou quatro trabalhadores antigos, mas está substituindo vinte.

**Pergunta:** *Professor! Boa tarde! Gostaria que o senhor comentasse como os diferentes processos de abolição da escravidão nos EUA e no Brasil impactaram na vida das populações negras nesses dois países.*

**WNB:** O processo era muito diferente. Nos Estados Unidos, os negros na força de trabalho eram minoria, estavam no Sul, produzindo algodão para as fábricas inglesas – o Marx analisa isso muito bem na obra dele. Eles estavam produzindo algodão para os ingleses, porque o algodão vindo da Ásia, do Egito e da Índia, não era suficiente para o ritmo de trabalho das fábricas inglesas. Então, a matéria-prima algodão atingiu um alto valor no Sul dos EUA.

No começo da Guerra de Secessão, o valor patrimonial dos escravos negros no Sul era maior do que o valor escrito de todas as empresas industriais do Norte. Para você ter uma ideia do que era o papel da escravidão. Mas essa escravidão tinha que ser teleguiada de fora para dentro. Os norte-americanos do Norte, os nortistas, eles sabiam que a luta pela terra travada entre os latifundiários escravistas, no Sul, contra os colonos livres, que queriam ocupar aquelas terras sem trabalho escravo (portanto, eles mesmos queriam produzir sua produção), estava vinculada com uma hipótese de intervenção inglesa na economia e na política dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos eram meio subordinados à Inglaterra, porque existia a escravidão no Sul, que era ligada à Inglaterra. Tanto que a primeira medida do

governo Lincoln, quando a guerra estourou, foi fazer o bloqueio naval do Sul, para dificultar a Inglaterra de desembarcar armamentos, ou até tropas, para ajudar o Sul. Vejam que tão logo estoura a Guerra Civil nos EUA, o México é ocupado pelo Napoleão III associado com os austríacos, e ele coloca aquele *assim chamado* filho dele (uns dizem que é, outros dizem que não é, não dá para saber, não tinha exame genético naquele tempo), o Maximiliano, como Imperador do México. Ou seja, deu-se logo curso a uma repartição da América; começou esta imediatamente, quando estourou a Guerra Civil. Então, esse processo do negro americano, do escravo americano, é o de uma minoria e foi tratado nos EUA como uma minoria. Eles não podiam, por exemplo, bater tambor, morar em grandes agrupamentos. Então o dono do escravo fazia cada um construir sua própria cabana, permitia que eles tivessem sua própria Igreja, seu próprio Pastor, ou seja, viviam como uma minoria, criaram uma mini sociedade para o negro americano, que era copiada da sociedade do branco.

No Brasil, até 1850, os negros eram a maioria esmagadoramente absoluta. Em 1780 é uma coisa brutal a diferença. Temos aquele decreto do Vice-Rei do Brasil em que ele autoriza todas as nações negras a bater tambor na sexta-feira, até a hora que bem entendessem. Aí disseram: “não, isso aí vai virar um caos”. Então o Vice-Rei disse: “vocês já repararam que cada um bate tambor diferente? Se cada uma dessas nações bate tambor diferente, eles não vão se unir nunca. Quanto mais eles baterem o

tambor, mais eles se dividirão”. Ou seja, o português tomou um caminho completamente diferente do norte-americano, ou do inglês nos Estados Unidos. Aqui se fez o seguinte: quando o negro saiu daquele túnel que era a senzala e foi obrigado a morar nas encostas das fazendas... por que eles foram postos nas encostas? Para serem vistos pelos feitores a cavalo. E depois, os ranchos deles não podiam ter uma fronteira entre uma casa e outra, para eles não poderem criar cabritos, nem porcos em grandes números. Porque se você desse um quintal para cada família negra, ele faria um chiqueiro e encheria de porcos e passava logo à independência econômica em relação ao dono da fazenda. Então, ele era obrigado a viver cada família ou grupo numa choupana, sem quintal, com a choupana encostada na outra e eles entravam e saiam daquela choupana junto com os cachorros, as galinhas, porcos etc, que só podiam existir em pequeno número. Então, nesse caso o senhor, ele joga o nível de vida do negro lá para baixo.

Eu andei muito tempo na África e nunca vi uma aldeia africana suja ou sem quintal para as casas, eu nunca vi uma coisa dessa. Então, no Brasil, eles – os senhores – inventaram a favela, e botaram o negro dentro daquela favela junto com o porco e o cachorro, e o feitor ficava lá fora vendo tudo que está acontecendo lá dentro. Então era uma meia dúzia de choças muito pequenas e cheias de gente, já estava sobrepovoada, parecia hoje com a estação de metrô. E, evidentemente, essa diferença faz com que o negro, sempre que possa, no Brasil, tratasse de fugir,



porque não tinha uma sociedade para viver; fugisse e fosse formar um quilombo, fosse para um lugar próprio de vida no interior ou numa rocinha etc. A Rocinha do Rio de Janeiro, por exemplo, foi um quilombo. Os portugueses só resolveram enfrentar seriamente os quilombos quando Dom João, futuro Dom João VI, veio para o Brasil, em 1808. Aí eles criaram a polícia militar do Rio de Janeiro para abater os quilombos, criaram forças de repressão em todas as províncias, nas capitanias todas do Império, do Estado do Brasil etc. Então, são dois tratamentos completamente diferentes. O português queria que o negro tivesse sua própria religião, queria que ele fosse separado do outro e quando estavam na mão deles, juntavam todos e observavam. Sabe o que eles faziam quando descobriam que tinha um negro que era protegido pelos outros? Por exemplo, os príncipes lá da costa africana, eles no Brasil não trabalhavam porque os outros escravos não permitiam que trabalhassem. Então, quando ele era mandado para a plantação, tinha alguns escravos que o levavam para o meio do mato, ele ficava lá sentado ou passeando. E os outros faziam o trabalho dele. Na hora de voltar, ele vinha e se juntava e era trazido com carinho, porque ele tinha, inclusive, certas atribuições mágicas, dentro do contexto. O outro, moralmente seu dependente, não podia permitir que ele trabalhasse. Quando o português descobria, “olha, esse cara não trabalha, esse cara é protegido pelos outros, esse cara é respeitado pelos outros”, quando ele descobria um sinal de que aquele indivíduo era uma pessoa importante

para o grupo, eles deportavam o escravo em caso de volta para a África. Eles se davam ao trabalho de botar o ex-escravo em um navio e despejar ele lá na África: “não queremos esse cara aqui”. E alguns senhores, mais brutais, até mandavam matar nesses casos, para não ter essa despesa do navio. Matavam aquele sujeito, sumiam com ele.

Então, vê-se que o caso é completamente diferente. No Brasil, o negro era e é uma maioria, nos Estados Unidos é uma minoria. Nos Estados Unidos, a religião é protestante, ela reconhece a existência do indivíduo. No Brasil era o catolicismo, só se reconhecia a existência do grupo. O catolicismo era completamente diferente. O padre é a sua ligação com Deus: você não pode ler a Bíblia, a Bíblia está escrita em latim, ela lhe é explicada pelo padre etc. Então, no sentido católico, era melhor batizar aquele negro, para ele não ser atormentado pelo demônio e vir assassinar você, e deixá-lo praticar a religião dele escondido (mais ou menos escondido). Então são situações totalmente diversas.

**Pergunta:** *Professor, eu gostaria que o Sr. comentasse a nova economia de serviços, por exemplo, as empresas de aplicativos. Os trabalhadores e trabalhadoras são majoritariamente negros e negras e chegam a trabalhar 14hs por dia. Você poderia falar também sobre a função de Bolsonaro nesse contexto atual de exploração e precarização do trabalho e racismo... o que muda do contexto neoliberal dos anos 90? É possível observar na história do Brasil*

*momentos de mais "chicotadas", ou menos. Ou seja, houve em algum governo uma maior preocupação com a "questão do negro"?*

**WNB:** Eu acho que a diferença do Bolsonaro para o neoliberalismo clássico é que o Bolsonaro foi eleito com esse programa antiprogressista. Então ele pode praticar o "liberalismo" dele e dar-se ao luxo de exercer esse programa, porque o eleitorado facultou esse direito a ele. Então é a única diferença, assim, visível, que o Bolsonaro tem, digamos, dos governos anteriores, ou do governo Fernando Henrique ou, que seja, do governo Fernando Collor. Porque os outros eram neoliberais, mas eles tinham que ser eleitos com uma plataforma de racionalidade neoliberal. Agora, o Bolsonaro vem com uma plataforma de irracionalidade neoliberal. Os próprios neoliberais, pelo menos de fora do Brasil, devem dizer "esse cara é maluco", não devem gostar muito. Mas ele está sancionado. Ele disse "eu vou fazer isso". E as pessoas estão ajudando a fazer isso. Você viu o que ele está fazendo com a Fundação Palmares, por exemplo? Agora, ele está fazendo isso assessorado por negros. Na África também tem negros, como aqueles da Nigéria, que tacam fogo nas aldeias para facilitar o trabalho das companhias de petróleo e tem aqueles cujas aldeias são incendiadas e escapam por pouco do incêndio. Então, não vamos cair aqui em um monolitismo em que só o Bolsonaro não presta.

Agora, sobre a questão da precarização. As pessoas trabalharão nas condições que acharem para trabalhar. Porque as pessoas têm duas situações. Elas precisam sobreviver. Então se nós olharmos, por exemplo, uma pessoa que vende alguma coisa na porta do metrô, veremos que isso é uma coisa terrível, em termos de posição de trabalho. Não tem qualquer direito ou garantia. Como é possível essa pessoa estar vendendo bugiganga aí na porta do metrô? Você vê uma pessoa estender uma coisa no chão e ficar vendendo. É o trabalho que ela achou. Esse outro trabalho, de precarizado da internet, atualmente, é uma generalidade. Não estou dizendo que essas pessoas não estão piores do que nós. Elas fazem isso porque precisam sobreviver. Segundo, os direitos do trabalhador foram removidos. Mas pensa você que a diferença não é tão grande entre ele e outros. Hoje tem uma máquina que se chama telefone celular, ou aparelho celular, que pega você em qualquer momento na sua casa e que traz uma questão do trabalho. Ele eliminou a fronteira entre o lazer e o trabalho. E uma das críticas que a teoria marxista e os sociólogos marxistas mais desenvolveram foi essa diferença entre o trabalho e o lazer. Quer dizer, o trabalhador não ter lazer é... Deus me livre, é a escravidão. E essa maquininha aí, o celular, eliminou o lazer das pessoas. As pessoas ficam freneticamente trabalhando dentro de casa. Agora estamos na pandemia, está todo mundo dentro de casa, mas, antes da pandemia começar, as pessoas, às 23h da noite, estavam recebendo recados de seus trabalhos: “Olha, nós esquecemos daquilo assim, assim, assim...”

lembra que amanhã cedo você tem que...”. Quer dizer, e o horário de trabalho? Porque você vende 8 horas ao seu patrão; gasta, num país subdesenvolvido, 2 ou 3 horas para ir e vir do trabalho = 11 horas. Sobrou 13 horas. Dali você tem que dormir, comer, educar seus filhos, conversar com seus amigos, fazer farra, cometer erros, porque no trabalho você não pode cometer erros. Então, é tempo de menos para essa pessoa. E o celular liquidou essa fronteira. Você vai para casa e o trabalho acompanha você. Essas pessoas que estão trabalhando 14 horas por dia na internet é só uma questão de sobrevivência. É fruto também de uma questão social, a supressão de direitos, que nos afeta também. Todo mundo que está trabalhando, se você for a um por um deles e perguntar “você gosta dessa atividade?”, mesmo que goste, ele dirá para você “eu estou aqui, espero daqui uns 5 anos estar em outra posição, estar fazendo outra coisa”. Todo mundo está lutando para sobreviver. Lembrarei aquela frase do Jean-Paul Sartre: “Viver é errar, errar, errar e morrer”. E é isso que nós fazemos na sociedade. Nós erramos até morrer. E adotar essas maquininhas aí foi um erro, é um erro. A força de trabalho está se fragmentando cada vez mais, até perder sua unidade social.

**Pergunta:** *Professor, de um lado a situação do negro degrada a cada dia e se aprofunda durante a pandemia. Do outro, o discurso identitário caiu nas graças do capital, sendo explorado por grandes marcas e "revalorizado" na*

*mídia. Como senhor vê a questão de classe e da condição do negro nesse contexto?*

**WNB:** Eu não sei se o discurso identitário está apropriado pelo capital. Eu acho que todo e qualquer discurso que for feito, a mídia capitalista vai procurar maximizar contra. Então, se você fizer qualquer discurso, “queremos limão”... “cada trabalhador deve receber um limão”, eles vão ser do contra. Porque o limão vai significar um custo mínimo, mas ele, o capitalista vai pensar, e não vai dizer “ah, dá o limão”. Ele não vai dar o limão porque se ele der o limão, o trabalhador, o pobre, vai pedir outra coisa. Então não dá o limão. Então tudo que nós propusermos, imediatamente será atacado pelo sistema de mídia e desmontado pela técnica da propaganda etc. Então não sei se é o discurso identitário, é qualquer coisa que a gente ousar propor ou falar.

Agora, eu acho que a coisa mais importante no discurso identitário é o seguinte: é que o discurso identitário talvez tenha fracassado. Talvez a identidade não seja... aí vamos voltar ao Marx. Talvez, formalmente, haja um problema de identidade. Mas realmente, há só um problema de unidade. Conhecer sua identidade pressupõe que ela é o degrau de base de sua unidade com outros. Quer dizer, quem escraviza o negro, uma boa parte dos escravizadores, são os próprios negros que não consequência à sua identificação. Se não tivesse negros escravizando negros, talvez não fosse possível outro usar dele o discurso da identidade.

Mais importante do que tudo isso, é o fato socialmente estabelecido da consciência fetichista. O equívoco sobre a natureza da mercadoria se estende como um equívoco sobre a natureza do enriquecimento, da riqueza; e as pessoas que são filhas de trabalhadores querem enriquecer. Então, a partir dessa alienação básica, eu acho que já está tudo perdido, já se perdeu a luta. Porque aí vai levar àquele caso da solução individual do aburguesamento. Não tem lugar para todos. Você sabe que vai passar um trem aqui e você está aqui na estação de embarque, você tem um ticket. Então você diz “olha, vou viajar de trem, venham todos pegar esse trem”. Aí a estação vai ficar cheia; aparentemente, são todos idênticos a você, você os enganou e reuniu. Quando o trem chegar, quando a porta abrir, você vai apresentar seu ticket, vai subir no trem e vai embora. O resto vai ficar lá na plataforma. É a isto que leva a identidade. O discurso identitário se revelou como isso. Não há lugar nenhum em que os negros criaram um Estado que funcione para os negros. Todos os estados funcionam para o capital. Então, daí até acredito eu, Joel Rufino, Kabengelê Munanga e um monte de outros que escreveram há 40 anos, ou 30 anos atrás, que se o negro se aburguesar já é um lucro, já é uma vantagem. Porque o identitarismo é apenas um ponto de partida, mas não é um ponto de chegada. E realmente, você vai se opor à sociedade burguesa sem consciência étnica? Sem consciência de classe? Digamos que a desalienação do preto, ou do negro, passa por dois momentos, a consciência étnica e a

consciência de classe. Mas tem que passar por algum desses momentos. Como se coloca então a identidade do negro? No papel, a gente coloca... e escreve, está lá no papel. Mas o primeiro que você dá uma “cordinha” para ele, dá um caramelo para ele, e solta ele com dois tênis bons na pista para ele correr, ele troca de camisa, vai correr do outro lado. Isso você vê até olhando para a assessoria do Bolsonaro...

**Pergunta:** *Caro Professor, se capitalismo, escravidão e exploração étnica estão entrelaçados; se o Brasil tem a maior população negra fora da África; se o retrocesso civilizatório no Brasil vem sendo tão avassalador; seria o Brasil o país que, hoje, ocuparia a posição de “elo mais fraco da corrente capitalista” e, portanto, estaria acumulando um elevado potencial revolucionário? Se possível, fale um pouco sobre as estratégias de luta.*

**WNB:** Esse problema do elo mais fraco: o elo mais fraco é generalizado há bastante tempo. Lênin dizia que na época do imperialismo existe o lado mais fraco, uma ligação frágil entre o centro e suas partes dependentes. É uma teoria do Lênin. E, portanto, estão dadas as condições objetivas para as transformações, com uma ruptura num desses pontos. E é por isso que a mídia se transformou em algo tão importante. Primeiro com o rádio, depois com a televisão, o cinema, depois rede de satélites; nós vivemos em um mundo que tem 180 emissoras transmitindo via satélite para todos os países



do mundo a mesma programação. Nenhum governo nacional no mundo hoje pode ter uma programação nacional. O colonialismo se transformou no neocolonialismo, cujo principal instrumento de dominação é a dominação soft, ou seja, a conversão ideológica da vítima pela ideologia do dominador e explorador. Quando um país qualquer, um governo qualquer, manifesta alguma discrepância sobre essa programação da rede de satélites, ele é tratado como inimigo público número um, inimigo da mídia, inimigo da civilização, inimigo do Ocidente, inimigo da democracia, e outras baboseiras. Então, isso significa o seguinte: o nosso problema não é objetivo, porque a exploração imperialista todo dia cria motivos para revolução. O nosso problema é subjetivo. Nós ignoramos o mundo em que vivemos, nós temos uma consciência alienada. A consciência fetichista existe. A consciência fetichista significa ver o mundo por um prisma que mostra o mundo como ele não é. O excesso de informações dadas pela classe oposta, e a nossa crença na legitimidade dessas informações, nos leva a ver o mundo como ele não é. Então nós nos transformamos numa espécie de maluco. Porque nós vivemos em uma dada condição social e material e raciocinamos como se tivéssemos em uma outra condição social e material. Nós raciocinamos como a classe dominante, queremos ter um Lamborghini e falta dinheiro para pegar o metrô.

Então esse processo de alienação mental pode chegar à maximização que é o governo Bolsonaro. Você pega

uma população empobrecida, com 13 ou 30 milhões de desempregados. Eles vão à urna e elegem um governo de extrema-direita que diz para a massa: “eu vou fazer pior”. E a massa diz “sim, faça o pior com eles”. Com eles quem? Com ele próprio! Porque ele pensa que ele é o que ele não é. Ora, se eu penso que sou um burguês, eu quero que o trabalhador seja estripado. Agora, se eu penso que eu sou um trabalhador, eu não quero que o trabalhador seja estripado. Posso até não querer que se faça mal a um burguês, mas é muita ingenuidade você votar contra você mesmo. Em 2018, você vai lá e vota contra você mesmo? Ou será que nós temos no Brasil uma burguesia proporcionalmente maior na população do que havia na França de 1840? Na França de 1840 havia muito mais burgueses, proporcionalmente à população, do que temos hoje. Nós hoje temos 2 ou 3 por cento da população que são realmente a burguesia. O resto pensa que é. 1% da nossa população tem a renda maior do que 50% da população. Esses são burgueses. Os outros são assalariados. Posso dar um exemplo.

Você pega um professor universitário. O Marx diz ali no rodapé d’*O Capital* o seguinte. Ele dá o exemplo da cantora. Se uma cantora lírica canta num sarau e as pessoas a aplaudem, e alguém pode até dar um presente para ela, ou um dinheiro etc., ela está prestando um serviço. Mas se ela for contratada por um salão de ópera para cantar para um patrão que paga o salário dela, ou paga até para ela não cantar, mas tirar a cantora da concorrência, então ela é uma trabalhadora produtiva. Ela

está trabalhando dando mais valia para o capital. Porque o dinheiro aplicado nela vai se reproduzir como acumulação de capital. É a acumulação de capital que define o que é produtivo e o que não é produtivo. Então, nós pegamos um professor universitário que recebe um salário para dar aula. A quem aparecer na frente dele, ele não escolhe. Ele não é um artesão, escolhendo para quem vai dar aula. Ele dá os cursos que já vêm produzidos pelo MEC; ele tem que dar aquelas matérias, só muda a forma de dar. E recebe no fim do mês e ainda tem descontos. Esse indivíduo, você pergunta para ele, ele diz “eu sou pequeno burguês, eu sou da classe média”. O pai dele deixou dois apartamentos para ele alugar e ele diz “eu sou da classe média alta”. Quer dizer, os caras adotaram um sistema de análise sociológica que o Max Weber condenava. O Max Weber falava sobre “todo indivíduo que coloca uma gravata e vai para o escritório agora julga que não é mais proletário”. Só é proletário agora quem suja o macacão de tinta... e o macacão tem que ser azul! Não é isso. Não são três definições de capitalismo que estão certas. Uma deve estar certa, as outras duas no caso devem estar erradas. Ainda mais do ponto de vista de classe. Quem tem que definir o capitalismo é a maioria, que são as vítimas dele. Não é a minoria, que é constituída daqueles que são os beneficiários dele.

**Pergunta:** *Professor, como o senhor vê o modo como a população negra é apresentada nas obras do chamado ‘pensamento social brasileiro’, em autores como Caio Prado*

*Jr, Sérgio Buarque de Holanda, Celso Furtado e Roberto Schwarz? Qual a sua opinião sobre a obra do Jacob Gorender sobre o modo de produção escravista?*

**WNB:** Quando você lê um trabalho, você deve aproveitar do trabalho o que ele tem de bom e te enriquece, o que contribui. Não se deve ler um trabalho com a preocupação em só encontrar algo defeituoso, do nosso ponto de vista. É aquela divisa de que: “aprende do teu inimigo”. Mesmo que for um texto do teu inimigo, se você ler ele julgando que ele é um texto verdadeiro, quer dizer, que o indivíduo acredita naquilo que ele expôs, ele está te trazendo um pedaço da realidade para você entender, descobrir e perceber. Então todos esses historiadores, eles cometem erros, como qualquer outro. O fato de você ser marxista ou não ser marxista não quer dizer que você acerte sempre ou erre sempre, não existe isso. Nenhuma ideologia dá passe livre para ninguém. A profundidade lógica de cada um... tem aquele filósofo célebre que diz: “tem gramática, mas não tem lógica”; tudo tem gramática, então nós temos que trabalhar com a gramática. No processo do movimento do conhecimento, do singular posto categorialmente para o geral, efetua-se a evidenciação da qualidade e da quantidade do objeto estudado, e a passagem da qualidade à quantidade – como sua correlação –, e, depois, a passagem à causalidade, à necessidade, à lei, ao fundamento, à contradição, à essência. Nós temos que ir lá, ler e aprender da gramática. Mas também da lógica dos fatos.

O que eu vejo, por exemplo, do Gorender. O Gorender fez um esforço para caracterizar a exploração capitalista inicial do sistema, a acumulação primitiva, no polo de baixo, no polo onde fica a pobreza, “a outra ponta”. No escravismo, na escravidão. Disse eu para vocês: “a escravidão é uma forma...”. Se a gente for pensar que a escravidão é um modo de produção independente, nós estamos em um caminho talvez ruim. Então também não vamos transformar isso numa grande batalha. Podemos dizer “alguém aceita como modo de produção, outras...”. Mas o que é importante, é que a escravidão é uma forma. É uma forma de o capital poder acumular-se como capital industrial. Então nós temos uma forma, que é a escravidão. Temos outra forma que pode ser feudal. Por exemplo, a renda-produto é uma forma identificada com o feudalismo. Mas a renda-produto já existia na antiguidade, onde a sociedade era escravista. Então nós podemos dizer “não, ninguém pode dizer que essa forma existia na antiguidade e que ela é uma forma... feudal... não. Ela é uma forma feudal porque na época feudal ela existiu. E ela é uma forma escravista porque ela existiu no escravismo antigo... não só ela, mas a renda-produto, e a renda-trabalho”. Então, nós não devemos absolutizar demais o fecho. Cada um vai dizer o que pensa, o que acha. Nós devemos ver aquilo com o intuito de aprender coisas e não absolutizar coisas. Porque mesmo a explicação que a gente for gerar desde lá, se a gente transformá-la em um absoluto, vai estar errado. Porque você vai encontrando outras informações que você vai

ver que tem outras formas também. Não são só aquelas formas que até ontem você conheceu. O Marx diz: a primeira transformação é positiva, a segunda transformação é negativa. A que perdura é a negativa. Não é a primeira, a positiva. A forma elementar de manifestação da lei marxista ou hegeliana de negação da negação é o retorno ao ponto de partida. Dá-se a recolocação do que já foi transposto sobre uma base nova, o que dificulta esclarecer desde uma única abordagem o que realmente se nos apresenta como o fenômeno, do outro lado, e como sua essência. Todas as coisas se transformam no seu contrário.

**Pergunta:** *Em razão do que o senhor comentou sobre o aburguesamento, gostaria que o senhor comentasse o papel da ideologia de afrocentricidade na conformação de um pequeno empresariado de classe média negra no Brasil, tendo em vista tanto a influência de Markus Garvey (que se reivindicava fascista) nesse esforço, quanto os limites para a conformação desse mesmo pequeno empresariado negro em um país de origem colonial e dependente como o Brasil.*

**WNB:** Digamos que é pouca munição para muito índio. Nós sempre vamos escolher, qualquer pessoa vai escolher quando vai se mover para fazer alguma coisa; você vai escolher uma justificativa que vai ser uma ideologia, uma opção política. Você tem que valorizar aquilo que está fazendo. Uma pessoa realmente madura não precisa disso. Você não precisa atribuir um grande papel a

alguma coisa para fazer algo. Por exemplo, nós escovamos os dentes todo dia de manhã sem fazer nenhum discurso sobre isso. Mas o *homo sapiens*... houve até um israelense que escreveu recentemente um livro interessante sobre o *homo sapiens*, no qual diz que a vaidade é o seu motor principal.

Eu vi um documentário sobre chimpanzés, sobre como eles se comportam diante do chimpanzé chefe, e esse cinegrafista americano que fez o documentário, esse documentarista, ele fez a mesma coisa numa sala onde as pessoas vão pedir emprego. Ele filma uma sala demonstrando como as pessoas se comportavam diante do indivíduo que ia dar um emprego. E o comportamento do chimpanzé diante do chimpanzé chefe é muito parecido com o comportamento do cara que está pedindo emprego diante do que vai dar o emprego. Nós somos um animal. E para nos afastarmos dessa animalidade, precisamos fazer um discurso sobre cada coisa. Tudo tem que ter um discurso. Então nós temos essa discussão aí, “ah, o Frantz Fanon tá errado por que ele criticou o negro e ele atribuiu ao negro isso...”. Tudo isso não tem de fato importância. Tem importância se você der importância; se você der importância, tudo tem importância. E segue o que você quiser seguir, mas o que você tem que fazer é você fazer algo e ser uma pessoa consciente do que está fazendo. Este problema atinge o pequeno empresário e atinge cada um de nós também. O discurso que você vai colar naquilo é menos importante do que a sua ação. O que nós precisamos é agir, precisamos fazer alguma coisa.

Se eu quero inventar um tipo de trabalho na internet, é claro que eu vou fazer o elogio desse trabalho. É característica do ser humano elogiar o que está sendo feito, o que ele está fazendo. Mostrar a grande necessidade disso para a vida. Ou seja, a classe dominante já é dominante, já está no poder. Eles se atribuem medalhas todos os dias. Mas isso não tem importância, o que tem importância é o que eles fazem realmente na vida social. A situação de cada um de nós é a mesma. No caso deles, o que eles fazem na vida social não é muito bom. No nosso caso, nós temos que fazer opções para fazer coisas melhores. Agora, se é em nome de *a*, de *b* ou de *c* não tem nenhum problema, aí eu não vejo nenhum problema. Eu não vejo porque exacerbar a contribuição que cada pensador nos deu sobre um terreno específico. Se a gente acha que aquilo ali está bom, tocamos aquilo para frente. Isso inclusive se cruza com aquele problema da identidade que eu falei. Quer dizer, o negro... está ficando de uma tal maneira complicado na cabeça dele, podemos falar mais em *unidade dos negros* do que em *identidade*. Nós estamos longe da unidade quase como se fossemos partidos políticos diferentes. Nós estamos dando um super valor para coisas que não são assim tão importantes e deixando as coisas importantes de lado. De uma certa maneira, é uma desculpa para a gente justificar a nossa inação. Pode ser pura covardia. Você não fazer nada pode ser justificado com um discurso complexo.



**Pergunta:** *Boa tarde professor, quando você falou sobre o regime de colonato lembrei de uma entrevista do Hélio Santos no Roda Viva em 2002 e como ele falava do imigrante branco asiático que teve direito mais facilmente à terra em relação ao negro ex-escravo. A quase escravidão não foi cooptada pelo capital em função do poder de mentalidade colonialista ainda presa à Lei de Terras?*

**WNB:** Está n' *O Capital*, atribuir um valor à terra faz com que os produtos da terra se tornem caros, ele – o valor da terra – é que apreça os produtos da terra. E apreçar para que? Para o mercado. A Lei de Terras no Brasil, a função dela é justamente permitir existir uma renda da terra, porque o Brasil tinha muita terra, tinha poucos meios de transformação da produção e tinha uma população que estava ficando já com um certo número. Se você tem o Bill Aberdeen, tem a Lei Eusébio de Queiroz, e tem, portanto, que deixar a escravidão morrer de morte natural com a Lei Eusébio de Queiroz, qual a maneira que você pode ter para salvar a agricultura escravagista? Estabelecer a Lei de Terras. Então as terras passam a ter preço. Elas tendo preço, existe uma renda da terra, existindo uma renda da terra, automaticamente, os libertos, pobres, não podem ter acesso à terra, eles não podem comprar aquela terra por aquele preço. O imigrante vê-se obrigado a trabalhar para um patrão que já existe, que já é dono de terras; o camponês pobre fica sem terras; o ex-escravo não pode ter acesso à terra. Há dois indivíduos sociais interessados e vencedores nisso: o

fazendeiro local e o seu parceiro comprador de seus produtos no exterior. Os capitalistas “dessa ponta” e da “outra ponta” cooperam e tiram os outros da jogada, mantém a sociedade colonial ou semicolonial tal como deveria ser.

O Brasil em 1950, toda a área agricultada do Brasil, era menor do que o estado do Piauí. Não estou dizendo que o estado do Piauí é pequeno: é enorme, mas veja, o Brasil é muitas vezes maior que o Piauí! Então por que todas aquelas terras precisavam ter proprietário? Se você pegar o mapa de terras devolutas do estado de São Paulo, por exemplo, de 1890, que é quando se proclamou a República, você verá que apenas 3 ou 4% das terras têm propriedade privada, o resto tudo é terra pública. Mas se você for agora até uma repartição, e olhar o mapa de terras de São Paulo, verá que 99% das terras todas têm propriedade privada. E como se fez esta agora propriedade privada? Fez-se sob o abrigo da Lei de Terras. Os senhores de escravos, muitos deles, quando estavam velhos, eles chamavam aqueles seus escravos que eles mais exploraram, que eles mais tiveram proximidade na sua vida, e diziam: “Fulano, você vai ficar com aquele morro lá para você. Aquele morro é para você.” Mas se o indivíduo que ganhou o morro fosse no cartório registrar, o cara do cartório dizia para ele: “Mas para quê que você quer registrar isso? Isso está encostado na fazenda do senhor fulano-de-tal.” “Mas ele deu para mim! Eu tenho uma carta dele aqui que ele me deu.” E o cara mostrava a carta [e o cara do cartório dizia]: “Então, se você tem a

carta, está comprovado que é seu. Não precisa tirar título nenhum, só vai gastar dinheiro.” Eles – os controladores da máquina do Estado – tinham a ordem de não permitir ao escravo ou ao negro ter propriedades. O fazendeiro, o senhor de escravos, deu a propriedade, eles não permitiam. Você tem muitos quilombos aí pelo Brasil espalhados que são frutos da doação do senhor de escravos de um pedaço da propriedade dele para o escravo. O Estado era pior que o senhor de escravos! Era aquele Estado do Althusser... Não registrava, não reconhecia, e até hoje o governo não dá título de terra para quilombola: ele dá um reconhecimento cultural de uso da terra, “você pode continuar aí usando essa terra que não lhe pertence”. O que este título quer dizer é isso. E com uma sociedade de 200 e tantos milhões de habitantes nós não temos ninguém que diga: “Isso está errado! Isso está errado, essa terra tem que ser dada para quem vive nela.” Não dão. Dão apenas para brancos e para grileiros. Eles dão um título que autoriza o indivíduo negro ou mestiço a ficar lá na terra: “Você pode ficar aí. Olha, você fica aí que é seu, enquanto ninguém reclamar.” Esse que vem depois da vírgula, “enquanto ninguém reclamar”, eles quando quiserem dissolver isso, dão outro decreto. Em vez de dar mil títulos de posse fragmentados, darão então apenas uma folha de papel, só no Diário Oficial, meia noite, dizendo: “Perdem a validade todos aqueles títulos distribuídos pela Fundação Palmares...” E acabou. Acabou!

**Pergunta:** *A vinda do imigrante europeu foi uma tentativa de branqueamento da sociedade. Podemos dizer que ainda hoje há a tentativa de branqueamento através da aniquilação dos negros, através da desigualdade, violência e homicídio da população negra?*

**WNB:** A tentativa de branqueamento da sociedade eu diria que foi bem-sucedida. Tanto que os negros não reagem ao branqueamento, e grande parte dos negros não se declara negra. E todos os valores formais da nossa sociedade são justificados pelo branqueamento. Por exemplo, eu acho que nós temos mais loiros proporcionalmente do que a população da Dinamarca, faz parte do processo de branqueamento. E se você perguntar para uma pessoa, ela diz assim: “Você descende de quem?” “Meu avô é italiano.” É verdade que ele tem um avô italiano, mas ele tem um avô africano também e não fala do avô africano dele, só fala do avô italiano. O avô italiano dele existe, o avô africano não existe. Eu poderia dizer que um é um valor de uso, que é o avô italiano, o outro é um valor de troca, é abstrato, é geral, não entra na composição dele como mercadoria [risos]. Ele bane, “sai daqui”, “sai daqui, vô!”, “vou tirar uma fotografia, não fique aqui, com sua efigie, perto de mim.” Então isso é um ato consciente, é aquele ato do São Pedro, que Jesus diz para ele quando é preso no Monte das Oliveiras: “Antes de amanhecer você me renegará três vezes.” Só que cada um desses brasileiros mestiços renega trezentas vezes por ano, porque nunca se lembra ao que ele pertence, só se

lembra ao que ele não pertence. “Eu sou italiano, sou alemão etc.”.

**WILSON:** Quero me despedir. Agradeço aos colegas que criaram essa oportunidade de estarmos aqui conversando. Peço desculpas por que nem sempre o que eu digo é o que a pessoa quer ouvir, mas é importante a gente ouvir também aquilo que a gente não gosta para meditar, não é? Medita, “mas ué, por que esse cara chegou a essa opinião tão esquisita?”. E quero dizer que devemos perseverar nesse caminho da discussão, do debate. Fazer uma discussão sempre que tivermos uma oportunidade, porque tem muita gente querendo vir e silenciar as discussões. Há muita gente que acha que a democracia não precisa de participação, que ela funciona sozinha. E é importante para gente fazer uma demonstração, e que nós somos somente uma ponta do iceberg, tem muita gente querendo discutir e questionando as coisas que estão rolando por aí, no Brasil e no mundo. Queria, por exemplo, pedir aos colegas que observassem a luta democrática nos Estados Unidos, e como a juventude americana está avançando atualmente. E os efeitos que isso pode ter praticamente para aqueles que vivem na América Latina. Obrigado pela oportunidade.



*Título* A Economia do Negro no Brasil  
*Autor* Wilson do Nascimento Barbosa  
*Ilustração* Alice Rossi  
*Transcrição* Adriana Marinho  
Dálete Fernandes  
Gabriel Rocha  
Gilda Walther  
Marcela Piloto  
*Revisão* Adriana Marinho  
Carlos Quadros  
*Formato* 14 x 21 cm  
*Tipologia* Linux Libertine G  
*Número de páginas* 65 páginas

**MARIA ANTONIA**

Boletim GMARX-USP

**COMITÊ DE REDAÇÃO**

Adriana Marinho, Carlos Quadros, Gilda Walther de  
Almeida Prado, Daniel Ferraz, Marcela Piloto,

Rosa Rosa Gomes

**CONSELHO CONSULTIVO**

Dálete Fernandes, Felipe Lacerda, Fernando Ferreira,  
Frederico Bartz, Lincoln Secco, Marisa Deaecto, Osvaldo  
Coggiola, Patrícia Valim

[maboletim@usp.br](mailto:maboletim@usp.br)



